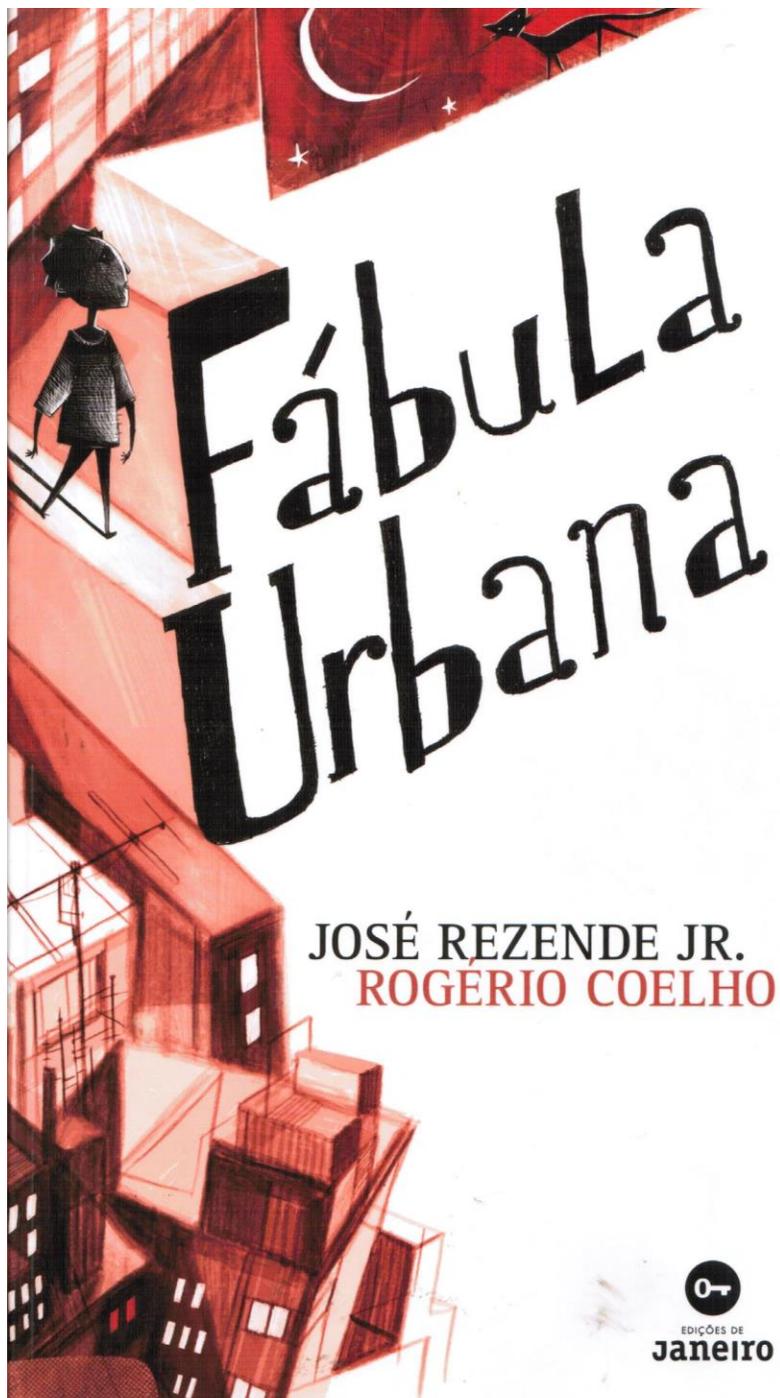


EI, TIO!
ME PAGA
UM LIVRO?

NÃO TENHO
TROCADO.

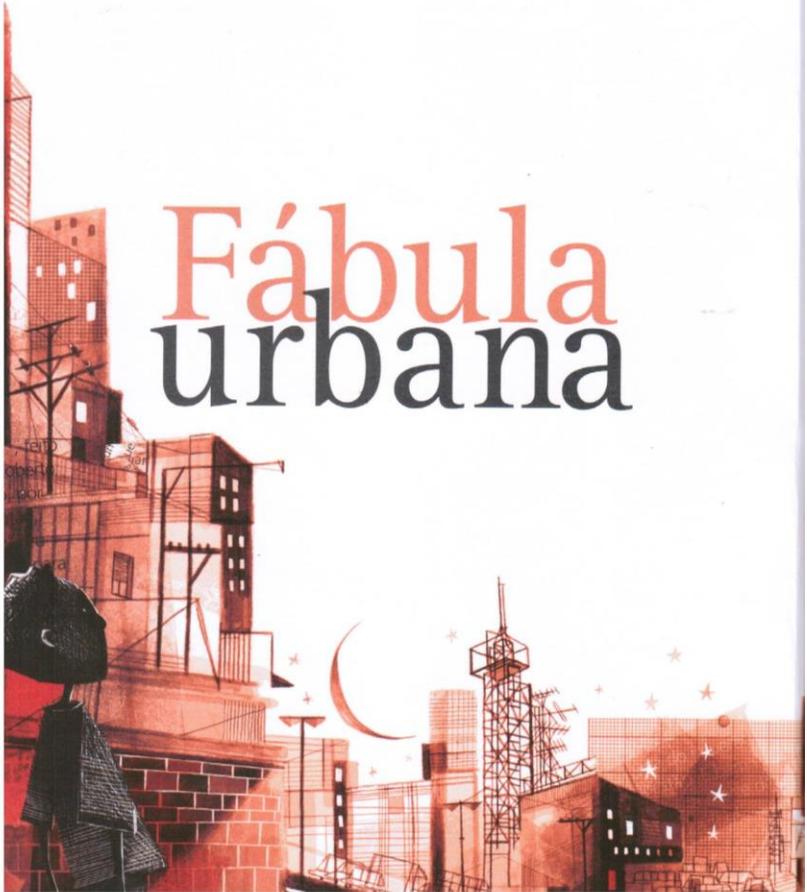
É com esse diálogo e imagens arrebatadoras que se inicia nossa fábula. Uma criança pedinte, um homem de terno, um shopping. E é a partir dessa cena tão familiar, e desse pedido tão inusitado, que José Rezende Jr. nos provoca uma reflexão profunda sobre valores, certezas e preconceitos. Uma reflexão dilacerante, bem-vinda a todas as idades, que nos tira da zona de conforto, fazendo-nos perceber a realidade absurda em que vivemos.



Fábula Urbana

JOSÉ REZENDE JR.
ROGÉRIO COELHO

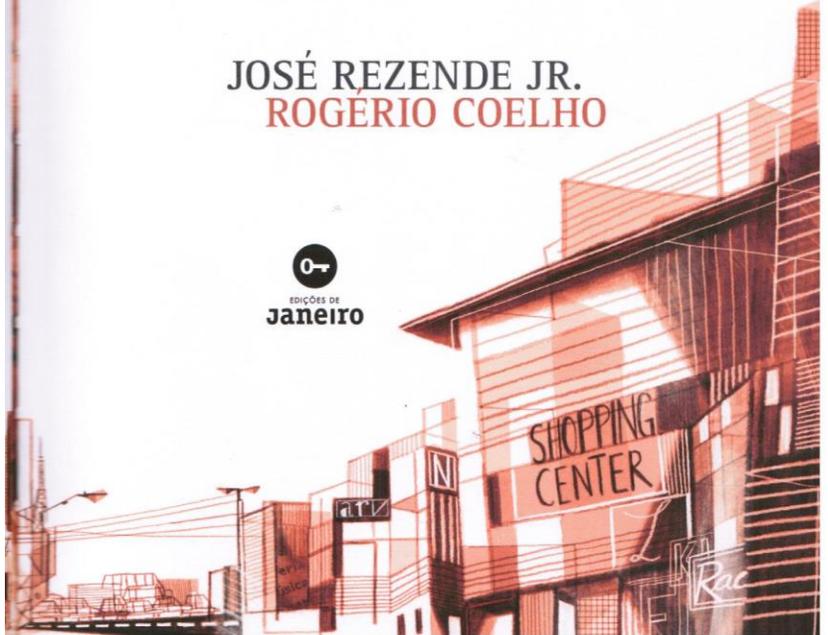
7
EDIÇÕES DE
Janeiro



Fábula urbana

JOSÉ REZENDE JR.
ROGERIO COELHO


EDIÇÕES DE
janeiro



SHOPPING
CENTER



TIO!

EI, TIO!

ME PAGA UM LIVRO?

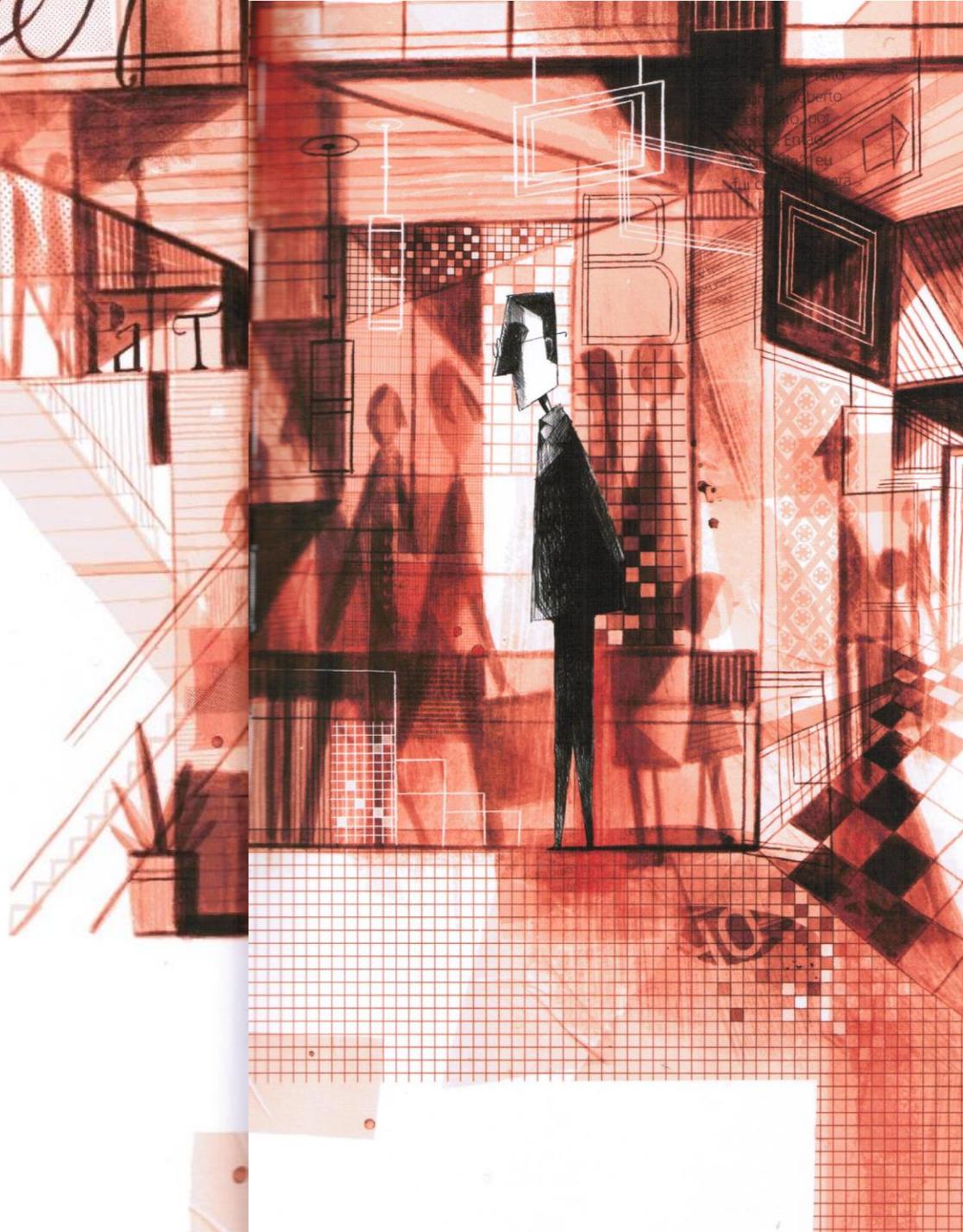
NÃO TENHO TROCADO.

A resposta escapuliu assim, num refluxo, automática. Uma resposta-padrão, como se fosse aquele o pedido mais natural do mundo. Livro???, refletiu um segundo depois o homem de terno. Teria o menino pedido um livro, em vez de um trocado, uma moeda, um real? Mesmo que houvesse o menino pronunciado um coerente "Tio, me paga um lanche que eu tô com fome", ainda assim alguma coisa estaria fora de lugar.





A começar pelo diálogo em si. Como haveriam de contracenar neste mesmo cenário – shopping center de luxo, quase dez da noite – personagens tão opostos quanto este, o homem de terno, e aquele outro, o menino pobre que pedia livro, dinheiro, comida ou qualquer coisa que fosse? Era pois um diálogo inexistente, concluiu o homem de terno.





PODE SER QUALQUER LIVRO, TIO.

A insistência do menino devolveu o homem de terno à realidade absurda. Olhou em volta e não viu um segurança sequer, nem sinal de alguma câmera de vigilância, nem o mais remoto zumbido de um walk-talk. “Como deixaram ele entrar?”, irritou-se. Não que o homem de terno temesse alguma violência por parte daquela triste figura em miniatura. Talvez até temesse, mas em situação bem diferente.

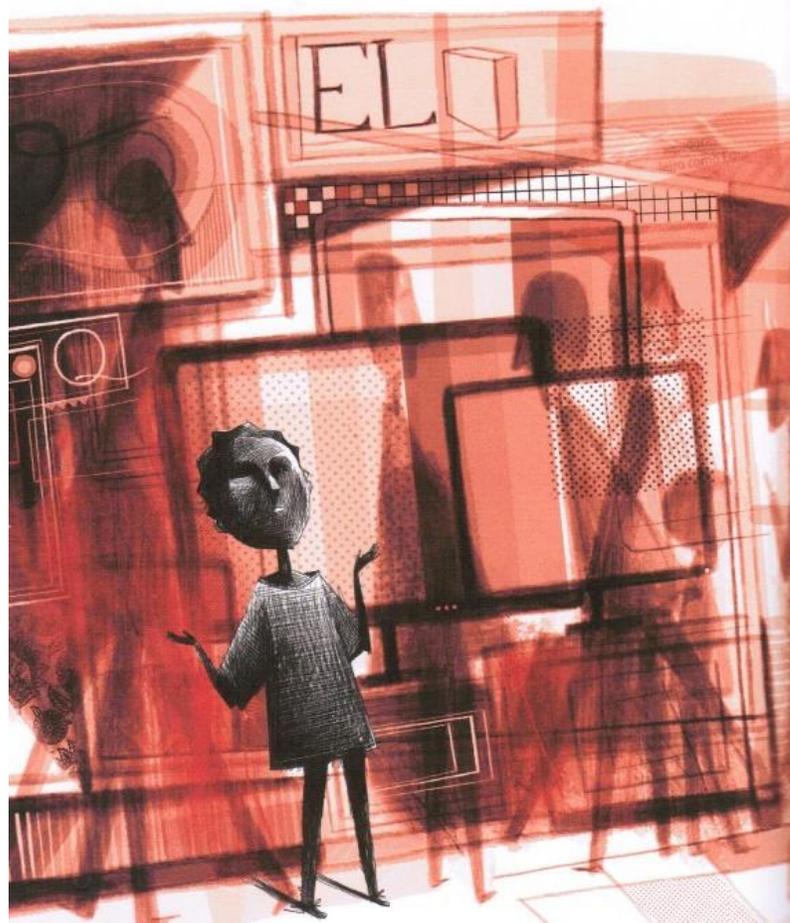


Ele parado no sinal vermelho, tarde da noite, vidro do carro estupidamente aberto, e o menino, caco de vidro em punho magro, grunhindo com a voz gosmenta de tanto crack,

Ai, TIO, ME DÁ UM LIVRO AÊ, TÁ LIGADO?

Talvez até temesse, fosse o menino menos menino, não mais o embrião de um perigo futuro, mas o perigo em si, já maduro, aqui e agora. "Não, ainda é cedo para ter medo, pelo menos deste aí... talvez daqui a três ou quatro anos", calculou o homem de terno, avaliando com alívio a altura e o peso do menino.

Mas na sequência o alívio deu lugar à indignação. Ora, o homem de terno pagava impostos e dízimos, deixara o carro no estacionamento automatizado, guardara o tiquete no bolso do paletó azul-marinho, tomara o elevador panorâmico, escolhera o andar onde reluziam as lojas que desejava, fizera tudo certo. Tinha, pois, o direito constitucional e sagrado de não ser afrontado por tamanha realidade, ainda mais numa fortaleza projetada para resistir a toda e qualquer ofensiva da vida real. Num lugar assim, a única realidade permitida deveria ser a dos reality shows, nas tevês gigantes das lojas de eletrodomésticos.



TIO, O LIVRO NÃO PRECISA
NEM TER FIGURA. PODE
SER DO MAIS BARATINHO.



De tão pequeno, o menino coube da cabeça aos pés num único olhar do homem de terno. O figurino não parecia adequado ao personagem menino-de-rua-clássico, que exige: calção surrado, pés descalços, cobertor fedorento jogado nas costas nuas. Não. Talvez graças a esse artifício, o de fugir ao figurino-padrão da miséria e do abandono, conseguiu o menino pobre burlar a segurança e invadir o reino encantado e proibido dos shopping centers.



“Negligente segurança”, rosnou em pensamento o homem de terno. A pobreza do menino, é certo, estava camuflada sob certo grau de dignidade. Era possível que até tivesse mãe, o menino. “Mas pai ausente ou alcoólatra”, diagnosticou o homem de terno. Mesmo disfarçada, a pobreza do menino não resistiria ao olhar de um segurança mais atento. A camiseta, toda desbotada, era enorme, “de certo herdada do irmão mais velho morto pela polícia ou pela gangue rival”, tentou adivinhar o homem de terno, acrescentando em pensamento: “Deus, como essa gente tem filhos!” A calça velha, com a barra puida, não fazia melhor figura. O tênis até parecia de marca, o que não escapou ao implacável veredito do homem de terno: “imitação ou roubado, com toda certeza”; para completar, além de imundo, o tênis do menino tinha um barbante encardido fazendo as vezes de cadarço. Caso ainda persistisse alguma dúvida quanto ao lugar na pirâmide social ocupado pelo menino, era só conferir a marca registrada da pobreza infantil: o nariz a escorrer num resfriado eterno e sem remédio.



O menino secou provisoriamente o nariz com o dorso da mão e voltou à ofensiva, desta vez com o olhar silencioso que implorava, reivindicava, cobrava, acompanhado da interjeição incisiva e curta que ao homem de terno soou quase agressiva:



O homem de terno olhou em volta, em busca do deserto vazio e seguro de todos os shopping centers do mundo, o deserto que é feito de multidões de consumidores e infinitas sacolas de compras. Mas não havia ninguém. "Está ficando tarde", pensou o homem de terno, agora um pouco tenso. Os únicos vestígios de presença humana vazavam justamente da livraria, cuja fachada de vidro refletia dois seres de dimensões tão diferentes frente a frente num encontro improvável.



O homem de terno cedeu; entrou, seguido pelo menino. Caminharam quase juntos, mas distantes, até o fundo da livraria.



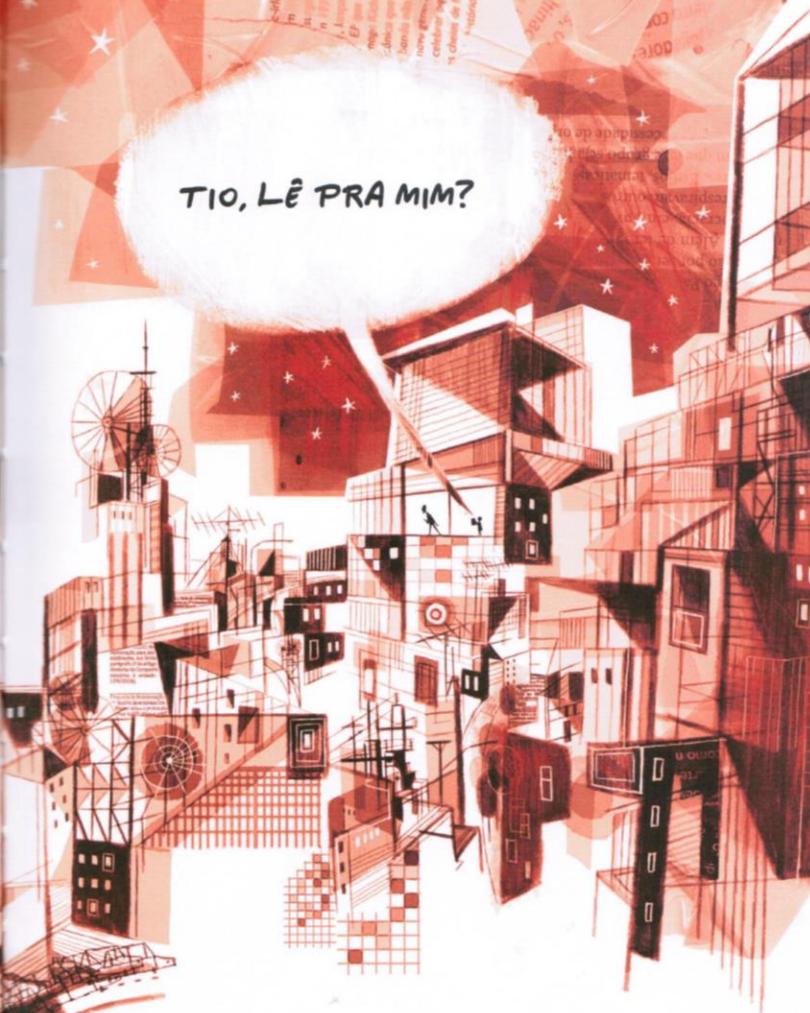
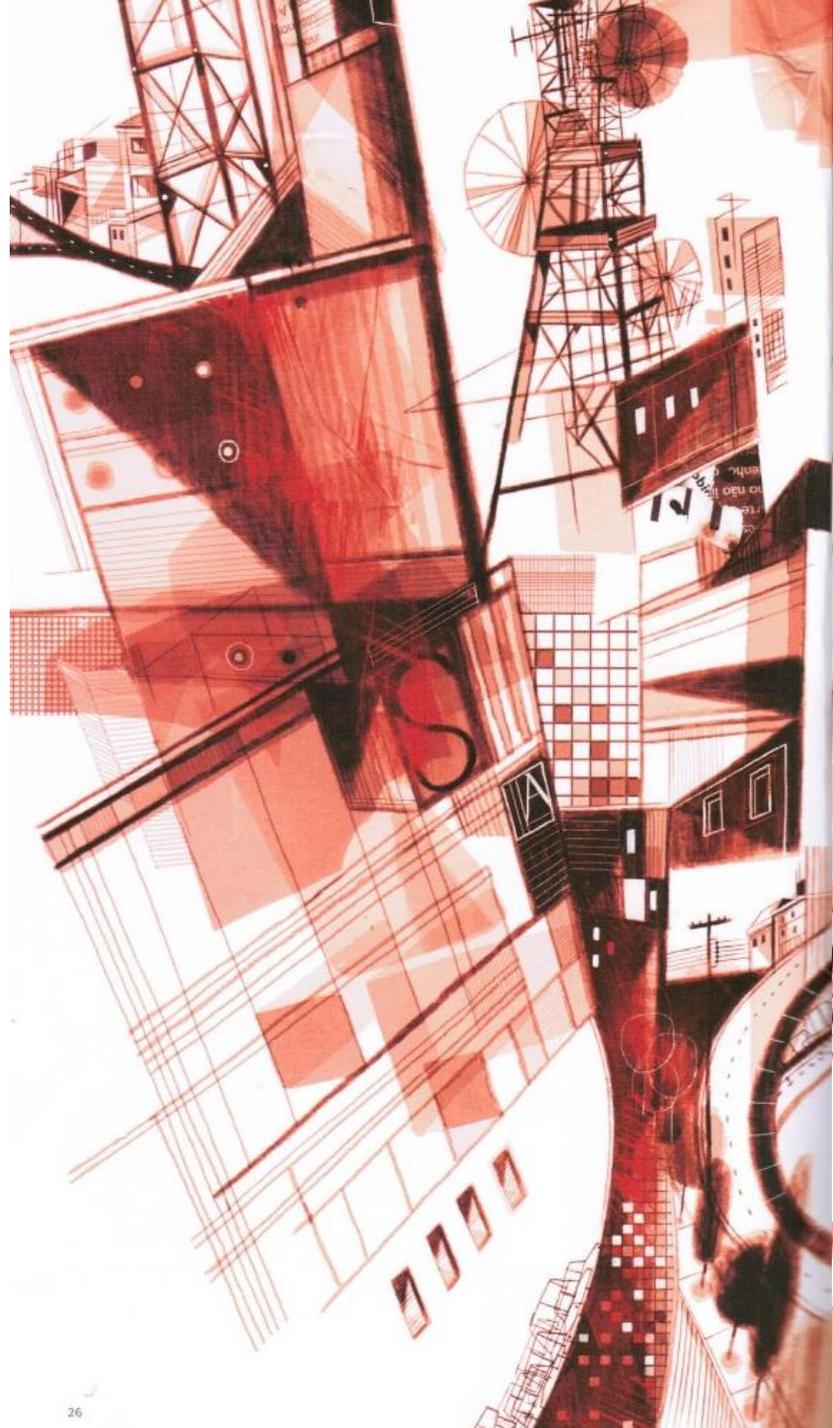
Mal pronunciou, o homem de terno, o imperativo desconhecido – “escolhe” – cujo significado o pequeno interlocutor apenas intuía, pôs-se o menino a percorrer as prateleiras entulhadas de livros de todas as cores e tamanhos.



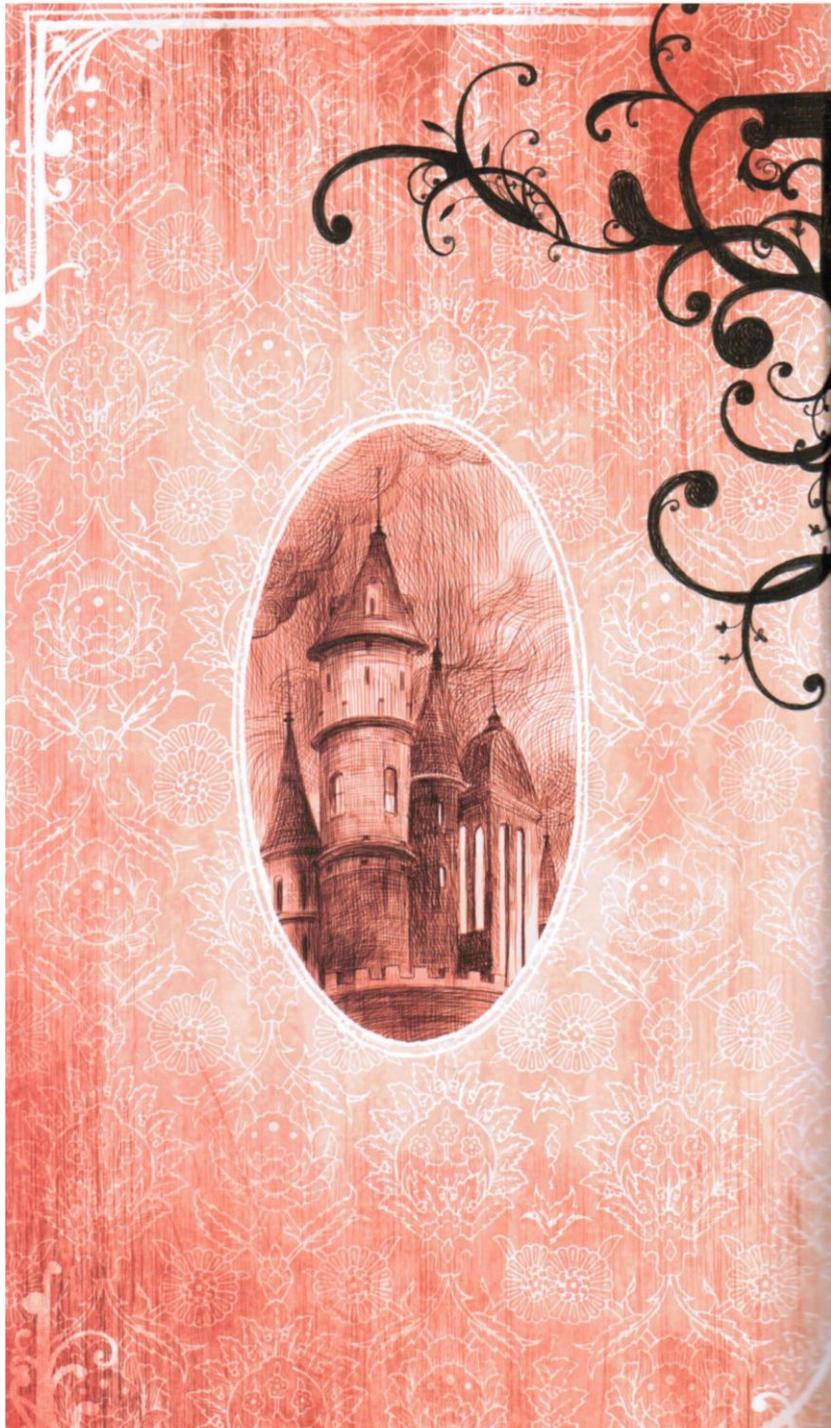
TIO, COMO É
QUE ESCOLHE?

O homem de terno olhou longamente para baixo, até que não restasse qualquer dúvida sobre a meninice daquele menino. E concluiu que não havia mesmo por que temê-lo, não ainda, não esta noite, não neste lugar. O homem de terno percorreu, então, com olhos e dedos, as lombadas dos volumes expostos na prateleira. Puxou um, mais ou menos ao acaso, e estendeu ao menino. Virou-lhe as costas e deu alguns passos em direção ao caixa, já sacando o cartão de crédito, à espera do agradecimento comovido. Que não veio.





Sem saber a razão, sem ao menos perguntar a razão, o homem de terno estancou. Deu meia-volta e, estranhando a si mesmo, leu. Ou melhor, esquivando-se do trabalho de apanhar os óculos de leitura no bolso interno do paletó, folheou meio cego o livro de fábulas, valendo-se da memória esquecida de quando era criança, e emendou uma história na outra, embaralhando enredos e personagens da infância distante que, só agora se dava conta, jamais compartilhara com os próprios filhos.



Era uma Vez

um gato de botas perdido na floresta com sua irmã Maria que era bruxa e usava um chapuzinho vermelho ai chegou o Lobo Mau perseguindo a Branca de Neve montado no tapete mágico e encontrou a Bela Adormecida cercada por sete anões e três porquinhos...



E lia o homem de terno num fôlego só, entonação a princípio displi-
cente, incapaz de refletir a tensão de personagens mergulhados em
destinos tão fabulosos e trágicos, mas tanta atenção prestava o me-
nino, os olhos brilhando, a véspera do sorriso emoldurada pela secre-
ção eterna a escorrer do nariz, que se viu o homem de terno obriga-
do a administrar exageros, costurar com alguma coerência diálogos
mal-ajambrados, e emprestar um arremedo improvisado de ordem ao
caos que ele próprio criara, e modular a voz ao sabor das aventuras e
desventuras, e conjurar sortilégios, e reconciliar amores impossíveis,
e, no fim, já quase sem fôlego, punir os maus e recompensar os bons.





E melhor só não fez, o homem de terno que nunca havia contado história, porque era tarde, ou por não suportar o assombro familiar e o sorriso antigo que num dia remoto foram seus e agora pertenciam ao menino. E foi-se o homem de terno até o caixa da livraria, da livraria ao elevador panorâmico, do elevador à garagem automatizada, da garagem à rua, tudo num único movimento, sem olhar para trás. E já guiava o homem de terno o automóvel veloz pelo trânsito lento, a boa ação recente aos poucos embotada pela culpa, a culpa que num instante era semente e no outro floresta centenária, a culpa não pela posse de tantos ternos, livros e coisas, a culpa não pelo medo inicial e a intolerância de sempre, mas a culpa por ter esquecido de dizer ao menino, ainda que ele próprio não acreditasse no que esquecera de dizer, a culpa por ter esquecido de concluir dizendo ao menino "... E foram todos felizes para sempre", porque é assim que terminam as histórias, ou era assim que deveriam terminar todas as histórias do mundo.





E foi ruminando o amargor da culpa que o homem de terno parou no sinal vermelho, e foi ainda ruminando o amargor da culpa que percebeu tarde demais o vidro do carro estupidamente aberto, no sinal vermelho, àquela hora da noite. E foi então que o homem de terno, grudado ao volante, avistou o vulto saindo de um beco escuro, o vulto que parecia o mesmo menino mas de alguma forma outro, menos menino, mais forte e ameaçador, o tórax inflado sob a camiseta puída, ou antes a arma oculta sob a camiseta puída, era o menino, era o menino, e o homem de terno vomitou a culpa e engoliu o medo, e trêmulo, incapaz do gesto salvador de fechar a tempo o vidro elétrico, entregou-se o homem de terno ao destino, e viu o menino encher toda a janela do carro, e de sob a camiseta inflada e puída sacar o livro e disparar à queima-roupa:



...a
Focal e
...de Figueira
...sobre da pro
...ação do par
...a sociedade, p
...condição de e
...A, 1991, p. 1

...no
...e de F
...elho de Ac
...propost
...demoraç
...e inde
...sua

TIO, ME ENSINA A LER?



JOSÉ REZENDE JR. é mineiro de Aimorés e vive em Brasília. Publicou três livros para leitores adultos, um deles premiado com o Jabuti de Melhor Livro de Contos, em 2010. *Fábula urbana* marca sua estreia na literatura infantojuvenil, embora acredite que esta é uma história para quem gosta de ler, independentemente da idade. Tudo começou num shopping center, quando o autor se viu frente a frente com um menino pobre que foi logo pedindo: "Tio! Ei, tio! Me paga um livro?" Sim, a primeira frase desta fábula urbana repete o que aconteceu de verdade, mas (quase todo) o resto é imaginação. O fato é que o menino ganhou um livro e deu de presente ao Zé a inspiração para escrever esta história, dedicada a todos os meninos e meninas (ainda) pobres do mundo – com o desejo imenso de que conquistem cada vez mais e mais direitos, e que sua fome seja sempre de oportunidades. E de livros.

ROGÉRIO COELHO nasceu em São Paulo e hoje vive em Curitiba. Começou a ilustrar histórias desde muito pequeno, e não parou nem quando aprendeu a escrever, o que acontece com a maioria das pessoas. Rogério continuou, virou ilustrador e hoje desenha mesmo quando não está trabalhando. Acredita que desenhar permite criar outros mundos, interpretar a nossa realidade e, de alguma forma, os sentimentos. Para ele, esse processo de interpretar a realidade foi intenso em *Fábula urbana*. Rogério viu dois personagens que habitam o mesmo mundo vivendo em realidades diferentes. Tão estranhos um ao outro que não se reconhecem, mas se estudam. Uma realidade contraditória e absurda. Por isso, refletiu sobre todos os pontos e vírgulas do texto, e sobre todas as linhas retas e curvas da ilustração, onde elas se encontram, ou não, tentando juntar tudo com traço, pintura, colagens e manchas. Ao final desse processo, sobrou uma pergunta: "em que mundo eu vivo?"